

A AVENTURA DE SIMÃO E SUMÉ DE  
SÃO TOMÉ AO PERU



BETO VIANNA\*

\* Professor de linguística em Sergipe, estuda a linguagem dos animais, é pai de Tábata, Ariel e Pepe, e avô de Uirá, Rodrigo e Gael.





Simão Dias Francês tirou as botas, ou melhor, mandou o moleque Farinhapouca tirar-lhe as botas, e bufou resfolegado. Ôshi, que subir esse mundão de serra e descer no mesmo dia não é brincadeira. E a pé, imagine só, que nesta terra, jegue e bosta é a mesma coisa. Jumentada desgraçada, não obedece nem no chicote. Igualzinho os naturais daqui. Tanto faz se Deus faz uns com quatro e outros de duas patas. O que vale é a terra em que eles pisam primeiro. Nessa daqui, o bicho já desnasce cagado. A última frase Simão disse em voz alta, e Farinhapouca, cria do Francês com a índia Matabra, nem esperou pra saber se o desabafo era com ele, e foi dando no pé. Simão assobiou, aliviado. A presença do menino, feio como era feia toda aquela indiada dos capetas, revirava-lhe o estômago. A feiura dos naturais só se compensava pela bocezinha das fêmeas, um alívio num fim de mundo onde não se via mulher gente a miles de léguas, e pela servidura braçal de ambos os sexos, de qualquer idade, mesmo antes de aprenderem a andar em duas patas, e olha que até já desgastados eles prestam, pois deixar comida no prato é desperdício, como aconselha a boa economia.

Matabra vê o curumim chispando feito flecha da barraca do Francês e já pensa a pior coisa. Olha de longe, aperta os olhinhos pra enxergar melhor e não, o menino não parece machucado. Cisma minha, deixa pra lá. Melhor esvaziar o pensamento e lavar logo os trapos do Simão e dos outros imbecis que desceram a serra com ele. Trabalho inútil. Se eu deixar tudo sujo, eles vão até agradecer. Vivem borrados de resto de comida, de lama, de cocô. E o cheiro? Essa gente parece que anda em dupla. Tem eles de carne e osso, e tem o cheiro deles, do mesmo formato e tamanho, mas invisível e sempre na dianteira, avisando um dia antes que o corpo vem atrás. Lembro quando atacaram minha aldeia de noite. O velho Taupai, na noite anterior, tinha dito, tou sentindo qua-

renta cheiros distintos, devem ser quarenta espíritos amigos, pois remédio quando é muito bom, fede muito. Taupai errou feio, coitado. Os quarenta cheiros eram quarenta ladrões e de pajé respeitado, Taupai foi promovido a zé-ninguém faz-tudo, amansado na base de muito chicote, que só não tirou do velho o sorriso. Esse não sai daquela cara nunca. Além de feiticeiro, Taupai deve ser abobado.

No dia seguinte, Simão reuniu a tropa na porta da barraca. Muito puto na vida, disse gritando que ouro ali naquela serra não se havia de arrancar nem a porrete, que o melhor que faziam era se juntarem aos outros na aldeia de São Tomé, que o ardiloso padre Antestarde e sua quadrilha de jesuítas (que o Diabo os tenha) iam liberar mais uns naturais a preço bem bom, e que podiam formar uma caravana maior e tentar a sorte nas terras ao norte, margeando o lado de cá do São Francisco até atravessar aquele cacete de rio na altura do Canindé, e que se havia índio bravo praqueles lados, como se muito comentava, foda-se é dos bugres, que arma e vontade de tacar fogo era o que não faltava na tropa.

Brilharam os olhinhos de Aquissefaz, o braço direito torto de Simão. Amava carnear índio, talvez por lhe trazer à memória a infância brejeira no Al-gharb, onde se divertia arrancando as penas e os olhos aos passarinhos. Cristão novo de pai e mãe, Aquissefaz afeiçoou-se ao Francês à primeira vista, quando transviu a silhueta redonda de Simão, elmoldurada pelo entardecer épico da aldeia de São Tomé, a igreja ao fundo, estripando um natural com um facão de cortar mato. O brasileiro da tropa era Entramudo. Filho de chinoca Tupinambá e algum pai branco de sabe-se onde, a Entramudo pouco se lhe dava os índios serem mortos, amansados, ou cobertos de beijos. A Entramudo importava o ouro, desejo mineral que lhe enchia de audácia, malícia e, sobretudo, paciência. Iria com a tropa até o fim do mundo se o mundo prometido

terminasse em metal dourado. Enquanto Aquissefaz babava sonhos de sangue ouvindo o chefe, Entramudo esperou uma pausa no fôlego discursivo de Simão para perguntar, respeitosamente, por que não damos ouvidos ao que dizem a boca miúda os nossos bugres? Pensa bem, Simão. Se vamos a São Tomé, não fazemos melhor em prosseguir a sudoeste, na direção dos rumores do túnel secreto que, segundo consta e se conta, liga milagrosamente este agreste da peste ao promissor Eldorado?

Simão ouviu aquela ladainha de mitos e parlendas indiantas demonstrando a maior das irritações, interrompeu Entramudo aos berros, pare de cacarejar tamanha doudice, guarde para as suas bugras essas macumbas selváticas, cale logo essa boca, ponha-se no seu lugar, vocês façam o que eu estou mandando e não se fala mais nisso. E voltou ofendíssimo pra dentro da barraca, com a ideia mudada sobre o destino da tropa e tentando aproveitar todo o potencial do limitado cérebro que Deus havia lhe dado na tarefa de descobrir um jeito de fazer exatamente o que Entramudo dissera, sem perder a majestade.

À noitinha, Simão urra o nome de Farinhapouca, ordena à meia-voz que o moleque chame a mãe à barraca, fode a mulher com destempero e, depois do amor, sussurra no ouvido da índia a aflição que lhe rói os neurônios. Matacobra sugere, você diga a Taupai que não quer saber dessa história do túnel, pois tem medo da maldição de Sumé. E quem é Sumé, mulher? Sumé é o índio-deus que criou as pessoas diferentes dos bichos e dos brancos, e protege o túnel secreto que vai do agreste à terra coberta de ouro, e qualquer bicho ou qualquer branco que pisar na passagem mágica, Sumé faz ele perder ou o juízo, ou a vida, ou os dois. Que história mais sem pé nem cabeça, Matacobra. E o que eu ganho dizendo a Taupai que eu tenho medo de assombração? Taupai vai acre-

ditar que você tem medo, e vai dizer a todos que você não quer ir por causa do medo, e vai acrescentar, com aquele risinho bobo dele, que ele, Taupai, sabe como atravessar o túnel sem atrair a fúria de Sumé. Os outros, que são ainda mais bobos que Taupai, vão cair na conversa do velho e arrumar um jeito de convencer você a buscar o túnel secreto por decisão própria, sem você desconfiar que está, na verdade, sendo manipulado por eles.

Para encurtar a história, é preciso dizer que tudo se passou exatamente como Matabra adivinharranjou, e sete dias depois, três deles viajando e quatro descansando na aldeia de São Tomé, a expedição, agora acrescida de outros naturais da tribo dos Caeté, comprados a preço de banana prata nas mãos do caridoso padre Antestarde, cuidava os últimos preparos para encetar a expedição buscatória do túnel mágico que por fim levava (assim se dizia) ao Eldorado.

Obviamente, todos na tropa tinham ordens expressas de não deixar chegar seu real destino aos ouvidos do curioso padre Antestarde. Antecipando-se aos fatos, no entanto (sempre valia a pena estar atrás do que havia por trás de Simão), o ardiloso inaciano havia vendido ao Francês seu mais fiel coroinha, Aguamole, índio Caeté capturado ainda filhote e que estava, a essa altura da adolescência, impregnado de devota obediência.

O que Simão pretende com essa tropa, meu filho? Encontrar o túnel mágico de Sumé, ó Abaré. E ele acaso ficou maluco? Qualquer idiota sabe que essa lenda é invenção da indiada. Pois parece que o Francês não o sabe, deve ter sido enfeitado pelos seus bugres, dizem que Taupai é um pajé muito poderoso. E como posso levar vantagem com o delírio de Simão? Muito simples, meu santo padre. Vou guiar a expedição até uma caverna que conheço bem, a sudoeste daqui,



o Buraco do Lagarto. Ao chegarmos, meu parente Vainumpé já lá estará escondido, e do fundo da gruta, com a voz poderosa que deu-lhe Deus (ah, Abaré, como elevam o espírito as missas rezadas por Vainumpé!), irá decretar que todos serão mortos por pisarem o solo sagrado de Sumé. Naturalmente, desembestarão dali os brancos, apavorados, deixando para trás a farinha, o sal e o charque, além da prata, as armas, a montaria e, se tivermos sorte, até seus bugres, pois estes muito duvido que se caguem de medo das vozes.

Anda que anda, a tropa chega à boca da gruta indicada pelo jovem Caeté.

Simão está confiante. Crê absolutamente na existência do túnel, e não dá a mínima para maldições, pagãs ou cristãs. Aquissefaz e Entramudo creem absolutamente na maldição, mas confiam em Taupai, de quem já testemunharam os poderes mágicos em mais de uma ocasião (ou pensam terem testemunhado, após ingerir as infusões preparadas pelo velho xamã). Verdade, verdade é que, lá no fundo do coração, Aquissefaz espera que o tal Sumé apareça de corpo presente, e lhe dê o prazer supremo de sangrar um índio-deus. Entramudo, por sua vez, não enxerga nada à sua frente, seja deste ou doutro mundo, a não ser o ouro que reluz no fim do túnel.

Quando a ponta da unha do dedão do pé esquerdo de Simão cruza o umbral do portal rupestre, escutam todos ecoar lá do fundo da gruta uma voz grave, trovejante (eu ia dizer cavernosa, não fosse o pudor) dizendo em língua geral, de que todos ali são bons entendedores, saiam agora, não deem um passo mais, fujam e salvem a vida, ou entrem e este túnel será o caminho da loucura e da morte. Simão Dias Francês cospe de lado. Pragueja. Ninguém me dá ordens, muito menos um bugre, e ainda menos um bugre dos infernos. Aquissefaz se assanha. Passei a vida retalhando pequenos demônios, e ago-



ra me oferecem o Diabo em pessoa. Entramudo se recobre de valentia. Quem ou o quê se atreve, seja o ser da espécie que seja, a se meter entre mim e meu sonho dourado da terra prometida? Os jegues, ou por não decifrarem o que se passa, ou (o que é mais provável) por decidirem que a questão não lhes diz respeito, também não arredam o pé. Farinhapouca está flexivelmente quieto. Nem paralisado, nem alvoroçado. Assim, olhando seu rosto, não se lhe consegue ler a expressão. Tampouco se sabe, encarando Matabocra, o que vai pelo coração da mulher.

Ouvem-se passos mancos lá fora. Todos se voltam para trás. É Vainumpé. Correndo desvairado para cumprir a tarefa missioneira, tropeçara no caminho, torcera o tornozelo, e truplicando não chegara a tempo de encenar a farsa, gênero tão bem ensaiado nos Autos da aldeia, me perdoe, Aguamole. Bambeiam as pernas a Aguamole. O índio-deus entenderá que ainda sou índio? Ou será como o Deus de Abaré, que nos julga pelas vergonhas que cobrimos ou deixamos de cobrir?

Expectativa, hesitação, suspense, impasse.

Quem rompe o silêncio é Taupai, vamos em frente, parentada, que o Peru é logo ali, dá licença, parente Sumé, se arrede e nos deixe passar, não nos faça escutar o último lamento dos brancos. E riu melhor, o safado.